

A EROTIZAÇÃO NA INFÂNCIA

Verônica Regina Müller¹ - Uem
Keli Andréa Vargas Paterno² - Uem

O presente trabalho é o projeto de mestrado que objetiva elucidar alguns mecanismos da atualidade que interferem na erotização da infância. Historicamente, o conceito de infância e de criança vem se modificando. Para atingirmos o objetivo a que nos propomos, necessitamos identificar como a infância da modernidade se caracteriza e se modifica. A noção da criança inocente que necessita de proteção e cuidados é recente, pois conforme estudos sobre a família e a criança, de Philippe Áries (1981), na Idade Média não havia nem o sentimento ou o conceito de infância bem definido. Segundo olhares de agora, diríamos que assumiam desde muito cedo responsabilidades incompatíveis com suas condições.

É com esse olhar que focalizamos a erotização da infância, já posicionadas contra essa manifestação e tentando contribuir para que, identificados alguns mecanismos da construção dessa realidade, possamos estabelecer lutas conceituais, políticas, legais e culturais que contenham e/ou revertam tal situação.

O estudo foi motivado pela experiência das pesquisadoras com a realidade da infância e da escola, onde os conteúdos “típicos” de adultos têm cotidianamente se manifestado em forma de dança, letras de música, roupas, salto alto, maquiagem, e outras tantas.

A seguir apresentamos categorias que pretendemos desenvolver e aprofundar na investigação.

¹**VERÔNICA REGINA MÜLLER** possui graduação em Licenciatura Plena: Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (1982), mestrado em Métodos e Técnicas de Ensino pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em História da Educação Social Contemporânea - Universidad de Barcelona (1996). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: história da infância, culturas infantis, brincadeiras, direitos da infância e adolescência, fundamentos históricos e filosóficos da educação física brasileira. E-mail: veremuller@gmail.com

²**KELI ANDRÉA VARGAS PATERNO** possui graduação em Licenciatura Plena em Supervisão Escolar, pós-graduada em Educação Infantil pela UNIPAR - Cascavel e Fundamentos Filosóficos pela UNIOESTE – Toledo. Aluna do Mestrado em Educação – UEM – Grupo de Pesquisa: Infância, Adolescência e Juventude. Atualmente é professora do Ensino Fundamental, Séries Iniciais, da rede municipal, da cidade de Cascavel – Pr. E-mail: kelipatt@yahoo.com.br

Infância e mídia

A era da industrialização, a partir do século XVII até os dias atuais, traz muita informação que é propagada sem qualquer preocupação com quem a recebe. Esse é um ponto relevante a ser analisado, pois dessa forma, tudo é para todos, sejam adultos ou crianças. Atualmente vivemos na sociedade do consumo, em que o “bem estar”, está em saciar o desejo momentâneo.

Nesse “novo” modelo de sociedade, os filhos convivem cada vez menos com os pais, até com outros adultos e substituem essa convivência pelos programas televisivos, computadores ou jogos eletrônicos e como Cirino (2001, p.44), explica: nesse espaço virtual utilizarão outras redes simbólicas de troca, que fazem da autoridade e experiência dos pais e professores algo menos absoluto. É a busca constante para saciar o desejo de algo.

Talvez, atualmente, a televisão seja nosso principal “vilão”. Ao não segregar seu público, bem como a qualidade dos programas que transmite, contribui diretamente para a alteração da concepção de infância e para a interferência no comportamento da criança. A televisão não exige esforço de raciocínio do espectador. As imagens e textos são simples e rápidos. As pessoas prestam mais atenção nas imagens e deixam o som em segundo plano.

A imagem é absorvida rapidamente e fixa a atenção no ritmo determinado. Nesse jogo de imagem, sem necessidade de esforço mental, a televisão “empobrece” as relações e cria novas concepções e valores. A família começa a se dividir nas opiniões, afasta e inibe as demonstrações de carinho e afeto. É relevante fazermos a citação abaixo, pois ela mostra claramente a influência que a televisão exerce no cotidiano das pessoas.

a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para aprender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público (POSTMAN, 1999, p. 94).

No ritmo frenético da era da informação pela informação, observamos um comportamento, em específico, nas crianças da atualidade: a erotização precoce. As crianças anseiam cada vez mais em parecer com os adultos e se tornam mini-adultos. Talvez, acreditem que com esse comportamento reduzam a distância criada entre esses dois mundos.

O desejo que ela sente em se parecer com o adulto, talvez se dê devido a projeção dos ideais que possuímos para esse outro ser em formação. De certa forma, inventamos e contribuímos para a “fabricação” de novos comportamentos. É relevante registrar na íntegra o trecho escrito por Sacristán (2005, p. 24), quando afirma que

Os menores são para nós, além de alguns semelhantes que concebemos de maneira determinada, alguém sobre o qual projetamos nossos ideais, que transformamos em objeto de nossos desejos e de nossas frustrações, de nossos julgamentos e preconceitos. São seres que percebemos e amamos a partir da história que comunicamos por meios das complexas e ambivalentes relações que mantemos e também das que procuramos evitar com eles. (SACRISTÁN, 2005, p.24)

Aproveitemos esse momento reflexivo para exercitar nosso pensamento. Nossas ações refletem diretamente nas atitudes infantis, pois sabemos que a infância é socialmente construída. Ao transferirmos nossos anseios e desejos para o outro, acreditamos estar saciados. A falsa satisfação gera outra necessidade de maior importância. Esse ciclo vicioso de produção de algo indispensável possibilita que a indústria do consumo exerça seu rito tentador.

O comportamento infantil assume a imagem e semelhança do adulto. Ao ser livremente admitida no mundo da informação irrestrita, torna-se produto do desejo. Espelha-se no *glamour* tentador que a vida de “gente grande” proporciona.

O Público e o Privado- Noções em Transformação

Aparentemente, retrocedemos a séculos transitórios da idade média para a idade moderna, quando as práticas não tinham segredo, muito era dito e feito sem receios. O ocultamento, o disfarce se apresentava diferente e com outros valores. Foucault (1988, p.9), explica: “[...] tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade [...]. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam””.

Aparentemente é o que presenciamos na contemporaneidade. Os corpos continuam a “pavonear”. Como um ritual dedicado ao prazer. Os corpos não se unem mais, exclusivamente, para a reprodução da espécie e sim para satisfazer os desejos mais fantasiosos. Para saciar essa fantasia “vale tudo”. Dessa forma não somos mais donos de nós. Nosso corpo não mais nos pertence, somos objeto do nosso objeto. Tornamo-nos aquilo que desejávamos.

Chegou a Idade da Repressão, pois o “desperdício” de energia era intolerável e o desenvolvimento do capitalismo precisou articular situações para conter esse “devaneio”. Era necessário centrar esforços na produção. Legitimar o privado. Sexo agora era coisa para se falar e praticar em lugares reservados. De preferência no quarto. Longe dos olhos das crianças. Em sintonia, a igreja interfere e divulga o sexo sem fins reprodutivos como pecado. Toda pessoa, cristã, necessitava, obrigatoriamente confessar suas ações, sonhos e desejos mais íntimos. Precisava se purificar por meio da confissão. Assim, a vida volta ao controle capital. Todos doutrinados e o sexo reduzido ao plano da linguagem controlada e banida das rodas sociais. Não nos distanciamos muito dessa realidade e nos esforçamos para obliterar a vida secreta, paralelamente experienciada.

Para ir além da aparência, nos perguntamos: O que há de resquícios do passado e o que há de diferente hoje? O que o programa Big Brother nos apresenta, por exemplo, sobre a exposição pública do que a modernidade defendeu como privado? E as novelas?

É o que vamos tentar elucidar.

O sexo como linguagem

Conforme Foucault (1988, p. 26), “por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo [...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo em padrão ótimo”.

Padronizar o sexo. Regular o sexo por meio de falas públicas e sem o rigor da proibição, da punição, para que tenha caráter de orientação. Essa “liberdade” sexual provocou uma expansão na população, que também precisou de medidas de contenção. Surge o controle de natalidade. Verificar a periodicidade que o casal pratica sexo e qual a incidência de práticas contraceptivas se torna prática aceitável. É o privado que se torna público e vice-versa.

Ora fala-se, ora proíbe-se, depois se torna a falar, mas o assunto continua: o sexo. O referido tema é muito bem tecido pelas tramas do poder e esse precisa de um novo tear. Um novo olhar, menos ruborizador. Foi “autorizado” que pedagogos, médicos, especialistas e outros afins, discutissem publicamente, inclusive em sala de aula com alunos, referente às questões sexuais. Confirma-se a necessidade de esclarecer e orientar os mais novos e inexperientes. É necessário que pais e educadores compreendam que somos produto histórico desses mecanismos do poder, pois criamos a cultura, logo a cultura nos cria (Steinberg, 2004).

Vamos estudar como (onde, conteúdo e forma) a linguagem sexual está sendo veiculada para e pelas crianças.

O corpo como manifestação dos desejos

O que estão aprendendo sobre o corpo? A que têm acesso nas propagandas na rua, na televisão, nas revistas ou na internet?

A figura feminina sedutora com corpos desnudos ou quase, está posta para atrair a atenção da sociedade do consumo. O homem, com seus músculos

suntuosos e insinuantes, apresenta o Ser másculo como símbolo de poder. A semiótica envolvida desperta desejos e necessidades, das quais nem as crianças estão isentas. Essas propagandas estimulam os sentidos de adultos e de crianças. Povoam no campo da “falta”, criam uma necessidade inexistente até então e encaminham as crianças para o consumismo e impulsionam uma “teologia de consumo” que promete a satisfação por meio desse ato (Steinberg, 2004). Novos rituais surgem a cada dia na expectativa de “abocanhar” mais adeptos.

Concepção de infância e a escola

Centrados nas crianças e nas mudanças que as questões sociais provocam na noção de infância, poderemos dizer que existem várias concepções de infâncias em virtude da cultura socialmente construída. Para Muller (2007, p. 18), não existe a história da infância e sim, histórias de infâncias, “posto que existem em tempos e lugares específicos, diferentes histórias para crianças que se diferenciavam por sexo, por condição social, idade, cultura, etnia [...] Categorias que foram se definindo cada vez mais no transcorrer dos séculos e que podem ser reconhecidas na atualidade”.

Defendemos a importância em ouvir o que a criança tem a dizer. Partir do que ela conhece e sabe, é respeitar sua condição de ser humano. É buscar garantir seu espaço de sujeito cidadão. Estudar os mecanismos que interferem direta ou indiretamente em seu cotidiano é caminhar pelo direito que a mesma tem de ser sujeito de sua história.

Para que venha a ser um sujeito “mais humano” como propõe a teoria Freireana, precisamos mudar os olhares atuais, principalmente os voltados para a escola. Essa instituição diferenciada, entre plebe e burguesia, surge no século XVIII conforme apresenta Áries (1981, p. 183), “a especialização social de dois tipos de ensino, um para o povo, e o outro para as camadas burguesas e aristocráticas. De um lado, as crianças foram separadas das mais velhas, e de outro, os ricos foram separados dos pobres”. Dessa maneira a instrução dos menos favorecidos se dá

para a produção e qualificação. Para os filhos burgueses, uma educação intelectual que instigue o pensar.

A escola diferenciada demonstra o poder neoliberal. A criação da tipografia contribui para uma reformulação de valores, principalmente em relação à idade adulta que se baseia na condição de alfabetizado e a infância na incompetência de leitura, como aponta Postman (1999, p. 32).

É possível restabelecer o pensamento de Muller, quando indica a possibilidade de várias infâncias. Essa visão de infância, de certa forma, circunda nos dias atuais quando destacamos a cultura infantil como foco para a geração de novas identidades através do ato de consumo. A hiper-realidade eletrônica revoluciona os meios pelos quais os conhecimentos são produzidos nessa cultura e é nesse caminho que as crianças aprendem sobre o mundo (Steinberg, 2004). Pais e educadores precisam estar atentos a essa realidade.

A escola da atualidade não pode ser igualada àquela que para a maioria da população pobre era vista como depósitos de crianças, pois filhos de pais da classe trabalhadora precisavam de lugar para permanecer enquanto os mesmos cumpriam sua jornada nas indústrias ou outro estabelecimento comercial.

Se nesse período a escola tinha a função de doutrinar para o trabalho, na contemporaneidade. Precisamos saber, em relação à erotização, qual o papel que a escola está cumprindo e elucidar qual a ação que deve exercer para que invista na construção de um sujeito cidadão de direitos e numa sociedade mais justa.

A doutrinação tende a continuar

Não estamos distantes do panoptismo de Bentham³, mencionado por Foucault (1987, p. 171-174), quando explica que o modelo *Panopticon* tem papel de ampliação; “se organiza o poder, não é pelo próprio poder, nem pela salvação

³ O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural conhecida como: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; está é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada um atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado.

imediate de uma sociedade ameaçada”, mas ter como importante fortificar as forças sociais, para “aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral pública [...] Mas, no começo da Revolução, a finalidade prescrita ao ensino primário foi entre outras coisas, “fortificar”, “desenvolver o corpo”, dispor a criança “para qualquer trabalho mecânico no futuro [...]”.

Por isso a importância de atenção nas questões relacionadas à infância precisam ser redobradas. A criança em formação é “alvo” fácil para as artimanhas do poder. Poder esse incorporado pela sociedade que reproduz e produz mais opressão e condicionamento. Os fatores mencionados influenciam a criança e produzem nela uma identidade imposta.

A criança passa por períodos de descoberta e a sexualidade faz parte dessa trajetória. Estudar a cultura infantil é de fundamental importância para conhecer e conviver com as crianças da atualidade. Permitir que ela se torne protagonista de sua história, é respeitar as diferenças e proporcionar oportunidades de escolhas. A infância contemporânea se assemelha em muitos momentos àquela dos séculos XIII a XVI, bem como difere em outros pontos. Primeiramente, fica o alerta relacionado ao livre acesso da criança aos vários meios de informação. Depois a forte influência de sua insitucionalização e por fim, porém não menos importante, o desejo de suprir a falta no outro. Exercitamos um breve ensaio sobre as concepções e a erotização da infância. Continuamos em nosso ponto de partida e de chegada: a criança, e esta na escola.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. 1997. **Vigiar e Punir**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

MÜLLER, R. V. **História de Crianças e Infâncias** – Registros, narrativas e vida privada. Petrópolis: Vozes, 2007.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SACRISTÁN, G. J. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE J. L. **Cultura infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.